

## Estilo

Mulheres que nadam contra a maré de vaidade

# Bonita com o que Deus lhe deu



**Magna Melo**

“Vaidade de vaidades” diz o versículo bíblico do rei Salomão, e ele ainda complementa: “Atentai para todas as

obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento”. Assim definiu o antigo rei de Israel. Já no dicionário vaidade é definida assim: qualida-

de do que é vão, ilusório, desejo imoderado de atrair admiração.

Definições à parte, o brasileiro é um dos povos mais vaidosos do mundo, sua gen-

te é bonita por essência, e ainda dá uma ajudinha para a natureza. Só em 2008 foram realizadas 1,2 mil cirurgias plásticas ao dia no país, segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas (SBPCP), prova da infinita busca da beleza perfeita. Sem falar nas infinitas formas e técnicas de tratamentos estéticos, os cosméticos que são lançados na mídia diariamente, vendendo beleza e conquistando novos consumidores. A indústria da beleza não para de crescer mesmo em período de crise ela vem se mantendo em ascensão.

É comum mulheres belas almejando melhorar ainda mais a aparência. O belo está padronizado, a tendência dita como regra, exemplo disso é o que se vê diariamente na mídia, nas revistas e até nas mulheres anônimas, a moda dos cabelos lisos. Com essa moda a maioria das mulheres adere aos métodos exaustivos de alisamento, para seguir o lançamento acreditando estarem mais bonitas.

Mas existem pessoas que enxergam a vaidade por outra ótica, colocam outros valores em destaque. Mulheres que resolveram andar na contramão. Elas acreditam que nem tudo é vaidade, possuem sim a vontade de se sentir bonita, mas não do jeito que o mundo exige, com uma perfeição estética.

Uma das mulheres que se classifica sem vaidade é a funcionária pública Vaner Fernandes Lisboa, de 46 anos. “Não uso batom, só pinto o cabelo quando minhas filhas reclamam muito, mas não sigo moda nenhuma, gosto de ver as pessoas bem arrumadas e belas, só que eu não, eu até me acho bonita.” Seu jeito simples reflete bem sua personalidade, por trás do óculos pode se observar as sobranças sem tirar, e um olhar singelo da mãe de duas filhas, com suas unhas roídas e sem esmalte, os cabelos com raiz esbranquiçada que refletem toda sua experiência.

Vaner tem um estilo próprio onde não segue padrão imposto pela sociedade, não usa maquiagem, nem salto alto, diz ter cuidado apenas na sua higiene pessoal. “Desde garota sempre fui assim, não é por falta de condições financeiras, e nem estou de mal com a vida, é minha natureza.”

A Engenheira Ambiental Adriana Galbiate, de 42 anos, define seu conceito sobre sua vaidade, onde o importante é o querer estar bonita. “Eu sou naturalmente, não uso batom salto alto, não é por falta de vaidade, eu me acho bonita, uso mais as roupas confortá-

veis, não uso salto por ser desconfortável, priorizo o conforto, com maquiagem me sinto com uma máscara, batom parece que estou com uma meleca na boca”.

A editora de imagens Cláudia Hojas, de 38 anos, é mais um caso de mulher que não segue a moda da vaidade, por ideologia. Gosta de usar camisas soltas, calças jeans e tênis. Casada e mãe de dois filhos, para ela não há problema nenhum em sua aparência, é formada em psicologia e entende bem dos assuntos relacionados à vaidade. “Me acho bonita, acredito que tenho uma harmonia, uma beleza equilibrada, não me cortaria. Deus sabia que eu não tenho muita vaidade e fez tudo em meu corpo moderado”.

**T e m p o**

Gastar tempo com escolha de roupas e sapatos para combinar com bolsas nem passa pela cabeça de Cláudia. “Moda é o que a gente faz, eu gosto do meu rosto lavado por que eu sou isso aqui, gosto da minha unha natural sem esmalte, acho elas bonitas, são branquinhas, quando fiz maquiagem me senti outra pessoa, a minha vaidade é na parte intelectual, mente sã corpo são. O meu orgulho é da vaidade intelectual”, afirma.

Já a faxineira Isadora Ferreira, de 23 anos, não tem condições financeiras de andar na moda, ir ao salão de beleza. Uma moça tímida que em seu olhar exprime a frustração em não poder ser diferente. “Não tenho condições de manter minha vaidade, se pudesse ia ao salão de beleza toda semana. Também faria uma lipoaspiração na barriga, e muito mais coisas”, lamenta. Na vida de Isadora o que falta é dinheiro, isso impede que ela tenha condições para andar bem vestida e arrumada. Do seu trabalho é que sai o sustento da família, não sobra quase nada para realizar algumas extravagâncias.

Natalia Evangelista, de 22 anos, estudante de psicologia, garante que para andar bem arrumada é preciso ter bom gosto, não muito dinheiro. “Eu fui de uma igreja tradicionalista até os quinze anos, igreja “Deus é amor”. Uma igreja muito rígida na doutrina,

não pode usar calça, maquiagem, cortar cabelos”. Para Natalia as pessoas acreditam naquilo, que elas aprendem que é uma verdade. A moça elegante e com os cabelos longos sem maquiagem não faz mais parte da igreja. “O fator relevante não foi a doutrina, eu passei muito frio sem poder usar calça. Foram os meus ideais que me fizeram parar de ir à igreja.”

**Autoestima**

Para a estagiária do Núcleo de Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Liane Macedo todos têm vaidade. “Quando essas mulheres dizem que não têm vaidade, eu não acredito nesse discurso, vaidade é escolher uma roupa melhor, pentear o cabelo. As pessoas não percebem que elas têm vaidade, mas elas têm sim. Talvez algumas em um grau maior e outras em menor, mas têm pessoas que são mais outras menos, mas todas têm”.

Liane define que existe vaidade no simples fato de usar um perfume, o cuidar de si mesma, do comportamento da autoestima. “Estar bem consigo mesma, sem seguir um padrão. É cuidar de você, vai além da moda”.

A estagiária reconhece a existência de algumas doenças patológicas relacionadas à vaidade. Quando a pessoa está deprimida não tem vontade de se arrumar e em alguns casos a doença faz com que a pessoa perca a vontade de realizar até a higiene pessoal. “Ainda tem o outro lado das doenças, onde as pessoas se arrumam muito e estão depressivas, querem aparecer, mas cada caso é um caso, que para diagnosticar temos que fazer um acompanhamento com o paciente”, explica Liane que atende no Núcleo de Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco.

A vaidade, segundo ela, envolve vários fatores, como a questão cultural, social e religião. “Uma pessoa que mora no sítio tem outra visão do que é moda e estilo”.

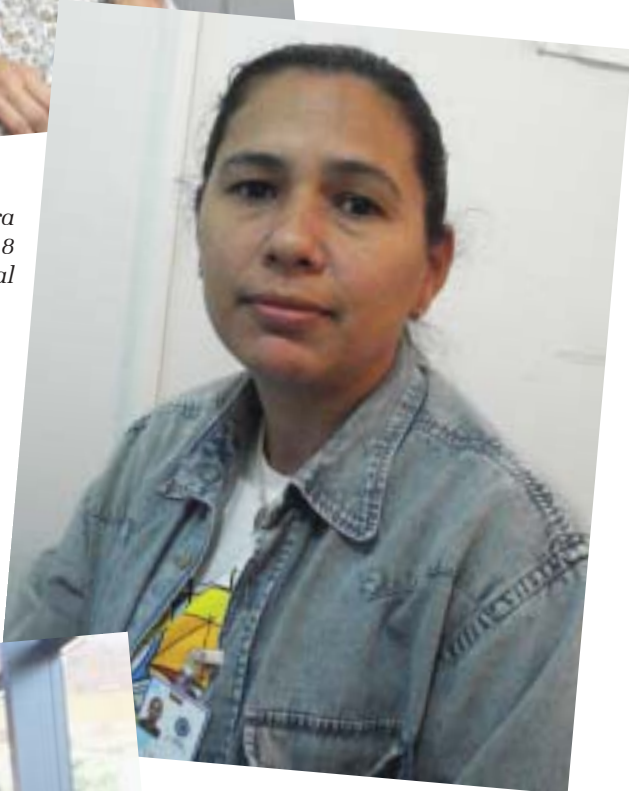
Todas as mulheres entrevistadas assumem que gostam da moda, que admiram em outras pessoas, valorizam a estética, mas não aderem aos padrões vendidos. A engenheira Adriana resume que querer estar bonita todos querem, o importante é estar bem consigo mesmo.

“Se vaidade for estar na moda eu não sou não, não uso perfume, só desodorante antitranspirante, o batom me incomoda profundamente, como se tivesse comido um doce e a boca ficou suja, esmalte nem pensar. Uso sapato mesmo que ele seja considerado antiquado, vou a casamento de chinelo de dedo, as pessoas tacham como feio e ultrapassado, o preconceito não me incomoda.”

Fotos: Magna Melo



**Feliz** - A Engenheira Ambiental Adriana Galbiate, 42 anos, não usa batom, nem perfume e prioriza o conforto nas roupas



**Cabeça** - Psicóloga e editora de imagens Cláudia Hojas, 38 anos, diz ter vaidade intelectual



**Dinheiro** - Isadora Ferreira, de 23 anos, lamenta não ter dinheiro para a extravagância da vaidade



**Ideologia** - Vaner Lisboa, funcionária pública de 46 anos, afirma que sua natureza desde criança é a de não seguir a moda





Foto: Arquivo pessoal Liliana Silveira

**Naiane Mesquita**

Já fazia alguns dias que ela adiava a ida ao supermercado, sabia que demoraria horas lá dentro, tentando decifrar todas aquelas palavras. Apesar do dicionário inglês/português na mão, ainda era difícil identificar os produtos e comprar o que era necessário. Há nove anos a comissária de bordo, Suzely Furlan Pegoraro, de 43 anos, deixou o Brasil e resolveu tentar o sonho americano. “Fiz essa opção porque o meu marido havia se mudado e achei que não poderia perder a oportunidade de conhecer outra cultura e aprender outra língua, já tendo casa para morar e carro para me locomover e também algumas pessoas conhecidas. Achei que era uma oportunidade principalmente para os meus filhos que ainda estavam com 12, 10 e 6 anos de idade”, explica a brasileira.

Deixar uma história para trás em busca de um sonho não esta na lista de tarefas mais fáceis de um ser humano. Enfrentar dificuldades, sentir saudades e até mesmo desistir são etapas previstas para aqueles que desejam mais. Pessoas que obrigadas ou não a mudar de vida, enfrentam barreiras em busca da realização de seus sonhos.

Dificuldades à parte, Suzely conta que não sente saudades do Brasil e nem mesmo arrependimento das consequências de sua mudança. “Nunca tinha feito nada parecido antes na minha vida. Não penso em mudar de novo, é difícil, dá preguiça. Alcancei mais do que planejava. Porém a minha vida pessoal mudou muito, porque antes era casada e agora

## Comportamento

Obrigadas ou não elas tiveram que mudar de vida

# Quando o mundo vira de pernas para o ar

**Desafios** - Liliana, 41 anos, enfrentou o preconceito para viver um romance, depois da vitória pregou uma peça, ela ficou viúva e se empenha de novo para ser feliz

não estou mais. Acho que a vinda para cá, me fez ver o mundo de maneira diferente, inclusive conhecer a pessoa com quem estava casada”, afirma a comissária de bordo.

Para William Roberto, de 21 anos, é o cheiro da comida que o lembra que está longe de casa. Há quase um ano em outro continente, o velho e bom arroz e feijão fazem falta, mas mesmo assim ele não desiste de seguir viagem.

Experimentar novas sensações, ter uma visão de vida diferente e conhecer outras culturas estimularam no campo-grandense a decisão de trancar a faculdade de Administração e ir para Londres. “Eu sempre quis sair de casa, conhecer outros lugares, aprender inglês, outras culturas, tipos de vida e de mulheres diferentes. Então dei uma pausa na minha faculdade e fui atrás disso”, conta William.

A oportunidade de sair de

casa e realizar o sonho de viver em outro país surgiu em 2000 por meio de um amigo que também estava indo para a Europa. “Um colega de faculdade que veio junto comigo tinha um irmão que morava na Inglaterra cerca de cinco anos, e isso facilitou minha ida pra lá, já que ele dissera que iria me ajudar no que fosse preciso”, afirma o brasileiro.

Descobrir e aprender com outras formas de vida através de viagens e mudanças tornou-se um costume de infância para William. “Desde pequeno eu fui meio que forçado a isso, pois meus pais se separam cedo então tinha que mudar sempre de cidade no Brasil, então me sinto à vontade quando se fala de ir a outros lugares qual não conheço, e simplesmente pelo prazer de viajar que te proporciona coisas, sensações diferentes mesmo em lugares próxi-

mos”, explica o campo-grandense.

De volta ao Brasil em maio ele conta que só ficará o tempo necessário para matar a saudade da família e principalmente da culinária brasileira. “Depois eu volto para cá, ainda quero conhecer outros países da língua inglesa. Porque não ir pra outros lugares? Bastava só ter começado, agora é continuar”.

A cor do cabelo muda de acordo com as fases de sua vida. Ruiva, loira ou morena, a professora Liliana Silveira, de 41 anos, enfrentou as barreiras do preconceito para realizar seus sonhos. Apaixonada por um homem dezoito anos mais novo, ela deixou a família em Campo Grande e mudou para Jardim, no interior do Estado. “Minha vida nunca foi muito tranquila mesmo, mas, sempre procurei o meu bem-estar e a minha felicidade”, explica a professora.

Passei por momentos muito ruins em meu primeiro casamento, então quando conheci o Athos, um rapaz maravilhoso com quem vivi uma história linda durante seis anos e que faleceu em um acidente de moto, resolvi que iria viver intensamente com ele, sem medo do depois”, afirma Liliana.

Dona de uma alegria espontânea, ela conta que teve um luto muito intenso, mas que superou a falta de Athos recuperando suas atividades normais. “A dor que senti foi muito grande, algo que não sei como explicar só quem vive é que sabe, ainda sinto muita falta da presença dele, mas consigo entender melhor. Vivi um luto bem intenso, porém acredito que a minha dor foi acalmada com o tempo, por que sou uma pessoa bem ativa e com dois meses do falecimento dele eu já estava com minhas atividades todas em

dia”, explica a professora.

Seis meses depois da morte de Athos, Liliana conheceu o moto-taxista Victor, e da amizade nasceu uma paixão. Mais uma vez ela teve que enfrentar uma nova mudança e um novo preconceito, tanto pela idade de Victor, também mais novo, como pelo luto recente de Athos. Sobre algum arrependimento, ela é bem clara: “Nunca me arrependi de nada, acredito que poucas pessoas se deixaram viver o que eu vivi, foi maravilhoso. Amar o Athos e está sendo maravilhoso amar o Victor. Tenho um monte de problemas como todas as pessoas, mas tento me permitir à felicidade, viver minha vida simplesmente, sentar no boteco e tomar minha cervejinha gelada, ouvir meu sertanejo, porque aqui não tem jeito mesmo, e jogar conversa fora. Trabalhar, amar e viver”.

# A metamorfose ambulante dos universitários

**Edilene Borges**

“Faça isso, faça aquilo, perca peso, tenha estilo, compre esse, troque aquele, siga a moda, vote nele”. A música “vida é minha” (eu faço o que eu quero), da banda Capital Inicial é um verdadeiro resumo do que acontece na contemporaneidade. A sociedade muitas vezes impõe estilos, formas de falar e de agir que são seguidas pela maioria.

Mas, por outro lado, há muitas pessoas que não se intimidam com essas “modas” e fazem tudo do jeito que querem, como diz outro trecho da música. “Não ponha palavras na minha cabeça. Pare de falar antes que eu enlouqueça. Não quero lhe dar explicações. Não vou mudar o que acontece. A vida é minha, eu faço

o que eu quiser”.

Essas duas formas de viver, sendo muito igual ou muito diferente dos demais, são bastante visíveis nas universidades, principalmente ao observar os alunos que estudam nos primeiros ou nos últimos anos das graduações. Eles chegam meio tímidos, quase invisíveis ou muito espalhafatosos. Os desafios enfrentados quando saem do ensino médio e entram na faculdade são grandes e alguns querem se impor no novo grupo que estão entrando. Segundo a psicóloga e professora Kátia Regina Bazzano Rosi, de 45 anos, isso é normal. “A gente observa que na adolescência é comum a irreverência, é comum a crise de identidade em que o adolescente chama muito a atenção do público. Tanto que você pode fazer uma pesquisa empírica de observar as vestes dos adolescentes quando eles entram na universidade e as vestes deles no término da faculdade. Você vai observar que há muita mudança, também em função da idade. Eles entram com 16, 17 anos, e que é muito legal ter muitas tatuagens, andar de shorts, chinelo, roupas diferentes pra todo mundo reconhecer, ser o centro das atenções”, afirma a psicóloga.

As mudanças vão acontecendo aos poucos e nem sempre são visíveis. Pode aparecer apenas no modo como as pessoas pensam e falam, no entanto, para muitas, o visual conta bastante, não para se mostrar à

sociedade, mas para se adequar à nova profissão. “Nós observamos que determinadas carreiras exigem dos profissionais algumas performances e geralmente tem um perfil, uma postura profissional e parece-me que os acadêmicos vão adotando o esse universo, esse universo profissional que diz respeito também até a roupa”, explica Kátia.

Luciany dos Reis, de 21 anos, uma menina sorridente, brincalhona e rodeada de amigos, quem a observa jamais imagina que ela é estudante de Direito e quer trabalhar no Ministério Público, isso mesmo! Cursando o quinto semestre, a garota afirma que desde o início do curso já mudou bastante seu jeito de ser, principalmente no que diz respeito à responsabilidade. “Meu pensamento mudou em muitas coisas, mas meu estilo em si

continua o mesmo”, diz Luciany. Segundo ela, é inevitável não ocorrer mudanças quando se escolhe uma profissão. “Conforme a faculdade prospera você se adequa ao que está aprendendo, não só no Direito, mas em qualquer profissão, você tem que se adequar ao que a profissão te exige”.

Ao contrário de Luciany, Rodrigo Aranda de Castro Garns, de 25 anos, é um rapaz tranquilo, simpático e diferente dos colegas de turma. Usa óculos, às vezes um topete, camisetas de cores clássicas, calças jeans e várias tatuagens. “Eu sempre fui assim, desde pequeno. Eu converso com todo mundo, com quem quer conversar comigo”, conta tranquilamente Rodrigo. “Eu me visto do jeito que eu sempre me vesti, acho que é personalidade. Você tem que se vestir do jeito que você se sen-

te bem. Desde pequeno eu sou assim. Às vezes tiram um sarro de mim, eu tiro deles e fica tudo certo”. Cursando também o quinto semestre, o estudante de Agronomia que mais parece um artista de filme americano, revela que é músico e não gosta apenas de sertanejo, mas sim de música boa como rock, jazz, blues, como ele mesmo afirma.

Andando nos corredores de uma universidade é fácil identificar alunos de determinados cursos. Uns usam cabelos coloridos, sapatos exóticos e acessórios irreverentes, mas se comportam normalmente. Outros vestem calças apertadas, camisas pólo listradas, botinas e cintos com grandes fivelas, além dos chapéus. Muitos ainda carregam malas, notebooks, usam roupas sociais e cabelos super penteados. “A gente observa que os alunos de Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Jornalismo, é um grupo que está muito mais envolvido com a criatividade, com a imaginação, com o poder de criar matérias, novos boons e que a capacidade imaginativa é muito exigida desse profissional. Então parece-me que as duas coisas simbolicamente estão correlacionadas tanto que às vezes você percebe determinados profissionais irreverentes e que pela irreverência deles a sociedade dá mais atribuição de competência a eles. A mesma coisa acontece com o pessoal das agrá-

rias, com o pessoal do direito, que sem o acadêmico perceber ele já está assumindo posturas dos mestres e grupos sociais do direito, dá veterinária e isso faz com que eles sejam melhor aceitos pelo grupo de profissionais”, explica Kátia. A psicóloga afirma ainda que muitas vezes as pessoas, os alunos mudam seu jeito de se vestir não apenas pela profissão, mas pelo medo de não serem aceitos pelos demais.

Ser diferente é difícil e pode gerar problemas psicológicos. Nos casos como o de Rodrigo, que mantém um jeito de ser num grupo em que a maioria se comporta geralmente da mesma forma, é preciso ter uma personalidade forte. “Se o acadêmico conseguir se manter durante uma ano, dois, três, se tornar um profissional mesmo sendo diferente da postura geral eu vejo que ele tem até uma fortaleza de ego, uma possibilidade de enfrentar realmente as adversidades de uma maneira que não se contamine”, conclui a psicóloga.

Ao terminar a faculdade, muitos acadêmicos já se portam como profissionais e agem de determinada forma sem perceberem, inconscientemente. Essa nova postura é sinal do amadurecimento, do crescimento enquanto seres humanos, é um sinal de que passaram de adolescentes para adultos.



Foto: Edilene Borges

**Estilo** - No 3º ano de Direito, Luciany, adequou seu jeito de vestir



A rotina de quem para a vida e se dedica a alguém

# Em nome do amor eles viram anjos da guarda

Priscilla Peres

Vivemos em um mundo globalizado, onde a tecnologia já tomou conta das nossas vidas e as batalhas em busca de um lugar ao sol são diárias. As pessoas correm para todos os lados e estudam, trabalham e se qualificam para chegar cada vez mais alto. Mas enquanto isso, uma pequena parte da população para. Deixa de lado as vontades e expectativas e passam a se dedicar às outras pessoas, àquelas que precisam de ajuda, carinho e atenção.

Geralmente pessoas com doenças graves ou mais velhas ficam aos cuidados de enfermeiras ou mesmo desconhecidos, pois os mais próximos geralmente não têm tempo e nem vontade de cuidar deles e por isso contratam outras pessoas, ou procuram um colégio interno, um asilo, enfim qualquer outro lugar. Essa, sem dúvida, é a saída mais prática e menos trabalhosa, mas há aqueles que mesmo com dificuldades, se esforçam e se dedicam aos outros.

Como a dona Maria José Gonzaga, de 58 anos, que cuida de sua mãe de 97 anos e que está há 12 com Mal de Alzheimer. Devido à sua idade e a doença já muito avançada, dona Ana é totalmente dependente de cuidados. Maria José é professora e sempre trabalhou em escolas, mas para ficar mais próxima de sua mãe e também por dificuldades financeiras, optou

por dar aulas particulares em casa, assim pode continuar trabalhando sem deixar sua mãe sozinha.

A rotina é exaustiva, explica Maria José, é preciso cuidar de tudo, dar banho, trocar de roupa, passar óleo no corpo, dar comida, ajeitar na cama de modo que ela não se machuque e tudo com o máximo de cuidado, pois devido a idade a pele de dona Ana se desfaz facilmente, causando cortes e machucados, que unidos aos problemas financeiros são as maiores dificuldades de todo o cuidado. Mas a professora diz que sempre gostou de ajudar as pessoas e que sente prazer em cuidar de sua mãe com quem sempre teve uma relação de amor.

No início, ela mantinha um sentimento de revolta, devido às dificuldades e o desinteresse de seu único irmão, que não faz nada para ajudá-la, Maria José conta que pensava muito no porquê disso e que pensava que sua mãe não merecia passar por isso. Mas um dia, uma pessoa lhe disse que ela tinha sorte em cuidar de sua mãe, pois seria muito mais doloroso se ela tivesse que cuidar de uma de suas filhas doentes. “Agradeço hoje por passar isso com a minha mãe e não com uma filha e fico feliz por eu conseguir cuidar dela”, diz calma e esperançosa Maria José.

Depois desse dia, ela começou ver as coisas com outros olhos e hoje acredita que

as recompensas por todo esse cuidado com sua mãe, estão refletidas nas coisas boas que acontecem com ela e com suas filhas.

Segundo a psicóloga Rose Maira Clemente, para cuidar das pessoas não é preciso uma teoria aplicada, mas sim vontade, pois a teoria e a prática servem para que tratamentos e cuidados tenham bons resultados. Então o que motiva as pessoas é o amor, é saber que pode ajudar a fazer outro feliz, mesmo com problemas e dificuldades, pois quando a pessoa se sente motivada ela mesma se anima e tenta mudar.

Alguns destes “anjos” deixam de lado seus sonhos e vontades em prol do próximo. Se anulam por um tempo para cuidar daqueles que já estiveram em seu lugar, com o mesmo amor e carinho. É o que acontece com Jorgina Alderete, que há cinco anos veio morar em Campo Grande com o intuito de trabalhar e realizar seu sonho de fazer o curso de Ciências Contábeis. Mas na mesma época em que veio para Capital, seus pais adoeceram, sua mãe quebrou o fêmur, o que a deixou dependente para andar e seu pai com problemas no pulmão e na visão também já precisava de cuidados constantes.

Ao se deparar com tal situação, Jorgina e uma de suas irmãs decidiram trocar o sonho pelo carinho e cuidados com seus pais. Ela explica que não gostaria de outra pessoa



Afeto - Maria José, 57 anos, abandonou as salas de aula para cuidar da mãe que tem 97 anos

cuidando de seus pais e que mesmo com muitas dificuldades, seus 11 irmãos os ajudam nas despesas da casa e nos cuidados com os pais. “A minha recompensa é de me sentir muito bem por poder cuidar deles enquanto estão vivos”, diz Jorgina ao falar de como é ter uma pessoa que depende dela para tudo.

Jorgina se diz motivada pelo amor que tem por seus

pais e por reconhecer e respeitar a dedicação que eles tiveram, ao criar os onze filhos, e que hoje ela sente como uma forma de recompensá-los. “É a minha vez de cuidar deles”, diz ela.

Assim como no poema de um autor desconhecido, que diz “E que eu possa ao final ser agradecido pelo privilégio, de ter vivido para ajudar as pessoas a serem mais felizes. O privilégio

de tantas vezes ter sido único na vida de alguém que não tinha com quem contar para dividir sua solidão, sua angústia, seus desejos. Alguém que sonhava ser mais feliz, e pode comigo descobrir que isso só começa quando a gente consegue realmente se conhecer e se aceitar”.

## Riscos de transformar o sonho da formatura em pesadelo

Bruna Lucianer

Dizem as más línguas que a faculdade, por si só, já é uma grande festa. Mas festa mesmo, de verdade, fica para o final dos quatro (ou cinco) anos de estudo: a formatura. O momento mais aguardado da graduação pela grande maioria dos estudantes. A beca, o traje de gala, amigos reunidos em despedida, as lembranças dos bons e maus momentos; tudo vem à tona de uma só vez. Há quem não goste ou não possa participar. Mas há quem faça “das tripas coração” para não deixar a data passar em branco.

Isso tudo custa dinheiro. Mas tudo bem, nada é de graça mesmo. Faz-se um esforço e vamos lá, mês a mês, desembolsar uma “singela” quantia em nome do sonho. Tudo lindo. A não ser que os colegas de sala consigam não se entender a tal ponto de ter de cancelar a festa. O pior: algum espertinho da sua Comissão de Formatura resolva embolsar o dinheiro da sala inteira e sumir, como se nada tivesse acontecido.

Sim, isso acontece. Acontece e é mais comum do que você imagina.

Isso aconteceu com a designer Alana Montagna, de 22 anos, no ano passado. A turma que queria fazer a festa era pequena: 15 alunos; mas foi o suficiente para uma guerra particular. Mais de dois anos tentando juntar dinheiro para a festa, um contrato com uma firma de eventos assinado, duas rifas e muitas brigas depois, a turma conseguiu terminar a faculdade



Foto: Arquivo

Brigas - A turma de Alana só conseguiu arrecadar R\$ 300,00

com míseros R\$ 300 em caixa.

Para não passar absolutamente em branco, investiram esse dinheiro em uma colação de grau com direito à beca, fotografias e champagne. E só. A frustração foi amenizada, mas jamais resarcida.

Mas e quando, além da frustração, a turma é obrigada a passar pelo trauma de ter o seu dinheiro roubado? Esse foi o enredo de formatura de Karen Letícia Stephanini, de 25 anos, administradora de empresas, formada em 2006.

A turma de Karen pagou uma mensalidade de R\$ 70,00

desde o 3º semestre do curso, em 2004. “Essa quantia já era alta pra muita gente. Muitos deixavam de comprar algo que precisavam para pagar a mensalidade”, afirma a administradora.

E foi assim durante dois anos e meio. Já no último semestre, em setembro de 2006, a turma estranhou a ausência do tesoureiro da Comissão de Formatura. Ninguém tinha notícias dele, nem mesmo os outros membros da Comissão. Desconfiada, Karen, que era secretária da turma, foi até o banco verificar o saldo da Conta Poupança que eles haviam aberto para guardar

a quantia arrecadada. E aí vocês podem imaginar o que ela encontrou. Nada. Nem um centavo sequer.

“Pensa no susto, na raiva, na indignação! Fomos até a casa onde ele morava sozinho e ele já não estava mais lá. Simplesmente sumiu. Ele e o nosso dinheiro”, lembra Karen.

Mais do que um sonho desfeito, há também o prejuízo material, que no caso de Karen foi de R\$ 1,6 mil. E é aí que entra a vez da polícia.

Segundo o advogado Jânio Ribeiro Souto, a atitude do tesoureiro da turma da Karen configura crime de apropriação indébita, e pode ser punido com detenção ou prestação de serviços à comunidade, sendo que o autor do delito sempre deverá ressarcir a quantia roubada. Detalhe: se o indivíduo não possuir esse dinheiro para devolver, os prejudicados ficarão, in-

variavelmente, no prejuízo.

“Todos os formandos que foram prejudicados têm o direito de ação contra o autor, reivindicando o ressarcimento dos prejuízos materiais e dos danos morais sofridos em decorrência do fato”, explica o advogado. Isso mesmo: danos morais, afinal, frustraram-se as expectativas de cada um dos estudantes envolvidos.

Para dar início à peleja judicial, os estudantes prejudicados devem procurar uma delegacia de polícia e registrar um Boleim de Ocorrência. A partir daí começa a investigação e a necessidade de torcer por um desfecho financeiramente satisfatório, já que o sonho da festa já foi por água abaixo mesmo.

Segundo a Assessoria de Comunicação da Polícia Civil, casos como esse são corriqueiros. Mas poucos chegam às vias judiciais de fato, até mes-

mo porque o tal desfecho totalmente satisfatório é relativamente improvável. Geralmente, quem rouba é porque precisa do dinheiro. Se precisou do dinheiro, dificilmente terá a mesma quantia para devolver. É simples e desolador.

Ainda segundo a Assessoria da Polícia Civil, somente um caso com essas características foi registrado em Mato Grosso do Sul no ano de 2008. O delito aconteceu em março de 2007, mas o B.O. só foi registrado no ano seguinte. O valor desviado foi de R\$ 28 mil e o caso ainda está sendo investigado pela 1ª Delegacia de Polícia.



Foto: Arquivo

Lembrança - Sem dinheiro para festa, turma de Designer investiu o que tinha em fotografias



Construções erguidas na época em que Campo Grande tinha jeito interiorano contrastam com os novos prédios

# Viagem na arquitetura de CG

Helton Verão

Trocar a caneta de nanquim por programas de computadores. Edifícios, imóveis quadrados e simples dão lugar a formatos e curvas modernas com muita ousadia. Esse é o processo que tem modificado o ramo da arquitetura em Campo Grande. Os arquitetos de certa forma se reciclam conforme as evoluções, profissionais mais experientes acabam necessitando da convivência dos mais jovens em função da intimidade maior em que eles têm com a parte da informática.

As inovações são constantes em qualquer ramo produtivo da sociedade, o fator principal de tudo é o caminhar das tecnologias. Embora de maneira menos falada, a construção civil e o meio arquitetônico também sofrem influência dos computadores.

No seu “engatilhar”, Campo Grande tinha as características clássicas como de qualquer cidadezinha de interior, casas de barro, estradas de terra, entre outras. Na década de 20, algumas mudanças arquitetônicas deram uma nova cara à cidade: janelas para a rua, o banheiro para o lado de fora da residência, em várias situações na parte da frente do terreno utilizada como sala para comércio e a casa nos fundos, ou um sobrado com comércio na parte de baixo e a residência na parte de cima, na maioria do relatado só é possível encontrar em telas e imagens antigas.

O soar do sino e estremecer das janelas indicam a vinda das ferrovias para o Estado. “Um grande impulso de desenvolvimento é a chegada da ferrovia, construída em meados de 1914, e ela vai ser fator que vai determinar mudança, um incremento do comércio, da 14(de julho), a Calógeras, e a Morada do Baís que foi planejada para os trilhos passarem bem em frente a ela”, descreve a professora e arquiteta Andréa



Loureiro.

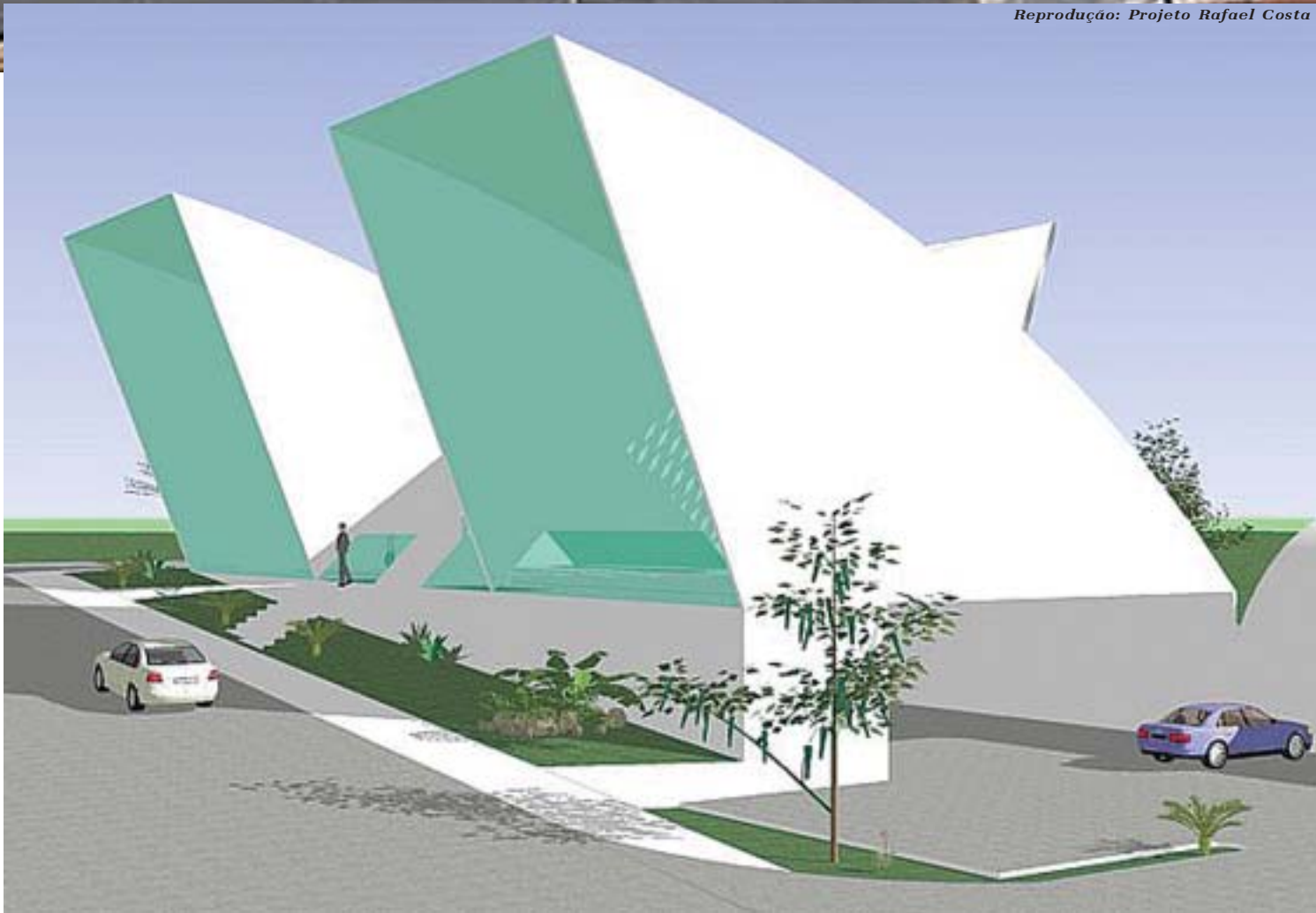
Mesmo nem sonhando ainda em ser Capital de Estado, a cidadezinha de influência arquitetônica de grandes centros, começa a ter um padrão de tamanho pré-definido, quadras divididas com uma dimensão aproximada de 120 metros quadrados, e os lotes em média divididos de 50 até 60 metros de comprimento, e de 12 a 15 metros de largura.

Outro marco desta década foi a chegada dos quartéis, com eles muitos investimentos e transformações nas regiões próximas, como o surgimento do bairro Amambai.

“Uma das referências arquitetônicas dessa época sem dúvida é o Hotel Americano, que fica na 14 (de julho), com a Cândido Mariano, com seus frisos e forma arrojada e moderna para sua época. As casas com pequenas varandinhas na frente, a garagem, e a construção da casa Arnaldo Estevão de Figueiredo, que foi a primeira com o banheiro já anexado na parte interior da residência, são outros padrões dessa época”, comenta a arquiteta Andréa.

As pequenas “vilinhas” dentro de um terreno único, com as casas lado a lado, são características da década de 40, tudo isso se deve a grande demanda de pessoas que chegam à jovem e humilde Campo Grande, assim acelerando todo seu processo arquitetônico da época, que ainda estão estruturados da mesma maneira nos mesmos locais a princípio projetados. Alguns na Rua Maracaju, outros na Rua Sete de Setembro, na 15 de Novembro, e em outras várias regiões da cidade.

Tudo que é novo tem de partir de algum ponto, referência ou influência, e as estruturas e formas de Campo Grande têm influência dos grandes centros como Rio de



Inovação - A casa que pertenceu a Arnaldo Estevão de Figueiredo (a cima) se opõe aos novos desenhos arquitetônicos projetados

Janeiro e São Paulo. “Outro fator que culmina na influência desses grandes centros, são pessoas que na época saíam do nosso Estado para estudar Arquitetura e Engenharia nesses Estados e voltavam com todo o padrão e mentalidade de lá. Na década de 50 e 60 não é diferente, o surgimento de conjuntos habitacionais é a prova disso”, lembra Andréa.

A parte sul do ainda antigo estado de Mato Grosso tem se desenvolvido com uma grande velocidade, ainda mais com construção do Trem do Pantanal e a constante expansão agrícola culmina na divisão do Estado na década de 70. Com a verticalização a cidadezinha começa a tomar formas de metrópole. Os surgimentos dos primeiros edifícios marcaram essa década, ainda não muito altos, sem ultrapassar a média de três a quatro andares.

Nas décadas seguintes os edifícios maiores, e o surgimento dos bairros nobres marcam as formas e estruturas da agora capital Campo Grande. “A arquitetura das décadas mais recentes como 80, 90 e até hoje se modernizou muito, esqueceram os antigos frisos, e as formas quadradas, aderindo a formas mais redondas e modernas, tudo em decorrência da tecnologia”, conta o jovem arquiteto Rafael Costa.

## Tradição X Modernidade

“Antigamente fazíamos tudo como bem imaginávamos, se quiséssemos chegar e planejar uma calçada num espaço arborizado e que desmatasse o meio ambiente, não tinha problema nenhum, era só fazer, não existia essa “arquitetura verde” que existe hoje, na nossa época tínhamos mais a função de construir, já os jovens hoje tem o papel de transformar”, comenta a experiente arquiteta Andréa Loureiro.

O arquiteto mais experiente aprendeu de uma maneira mais “livre” sobre seu ramo do que os jovens que se formam ou estão formando atualmente, pois antigamente a questão ambiental e legislativa não entrava em discussão ou em preocupação no projeto de uma obra.

O jovem arquiteto Rafael Costa adiciona que tudo é difícil e burocrático atualmente. “Hoje é muito difícil projetar obras e formas, pois além do meio ambiente, temos que pensar em legislação, muita coisa pode gerar problemas judiciais”.

Sobre o último ponto citado pela professora e arquiteta Andréa Loureiro, Rafael concorda em partes com ela. “Além de transformarmos, te-



Andréa - Projetos antigos não focavam o ambiente, diz arquiteta

mos também que construir, pois a região de nosso Estado não para de crescer, e em 10 deverá se expandir e valorizar por locais como Nova Lima, Rita Vieira e também nas proximidades da UCDB”, essa é a aposta do arquiteto Costa.

## Preferências

Depois de tantas mudanças e evoluções no decorrer dos anos, as preferências de quem investe em construções, contrata arquitetos, ou procura por imóveis tem um perfil talvez único. “O cliente sempre questiona sobre os materiais que o imóvel foi estruturado, e sobre o tipo do produto, exemplos como piso, pintura, janelas, churrasqueira, jardim, entre outros e claro a boa aprovação pelas instituições financeiras para financiar um valor cada vez maior” comenta o corretor de imóveis, Rodolfo Alberto Rodrigues.

O cliente tem grande preferência por casas e apartamentos com uma arquitetura moderna e fino acabamento,

se não o interesse de compra, é somente pelo terreno, localização, ou fazer uma grande reforma.

O corretor Rodrigues listou também o que espanta o interesse dos clientes; “os tipos de acabamentos arquitetônicos, se muito antigos alguns pisos não são encontrados mais no mercado, terrenos estruturas que impeçam ampliação ou reforma do imóvel, problemas com infiltração, e também casas que foram tombadas assim não podem mexer na sua estrutura.

Ousadia, tecnologia, integração entre os experientes e jovens, mínimos detalhes que influenciam na preferência de cada cliente e pessoas do ramo, arquitetos, engenheiros, corretores e palpites têm o padrão de estruturas e formas arquitetônicas que podem satisfazer e garantir o seu “pão de cada dia”. Tudo depende da criatividade de cada um, com ela agindo de maneira assídua surgem novos estilos que vão carimbando cada década com uma cara ou novidade diferente.

Foto: Helton Verão



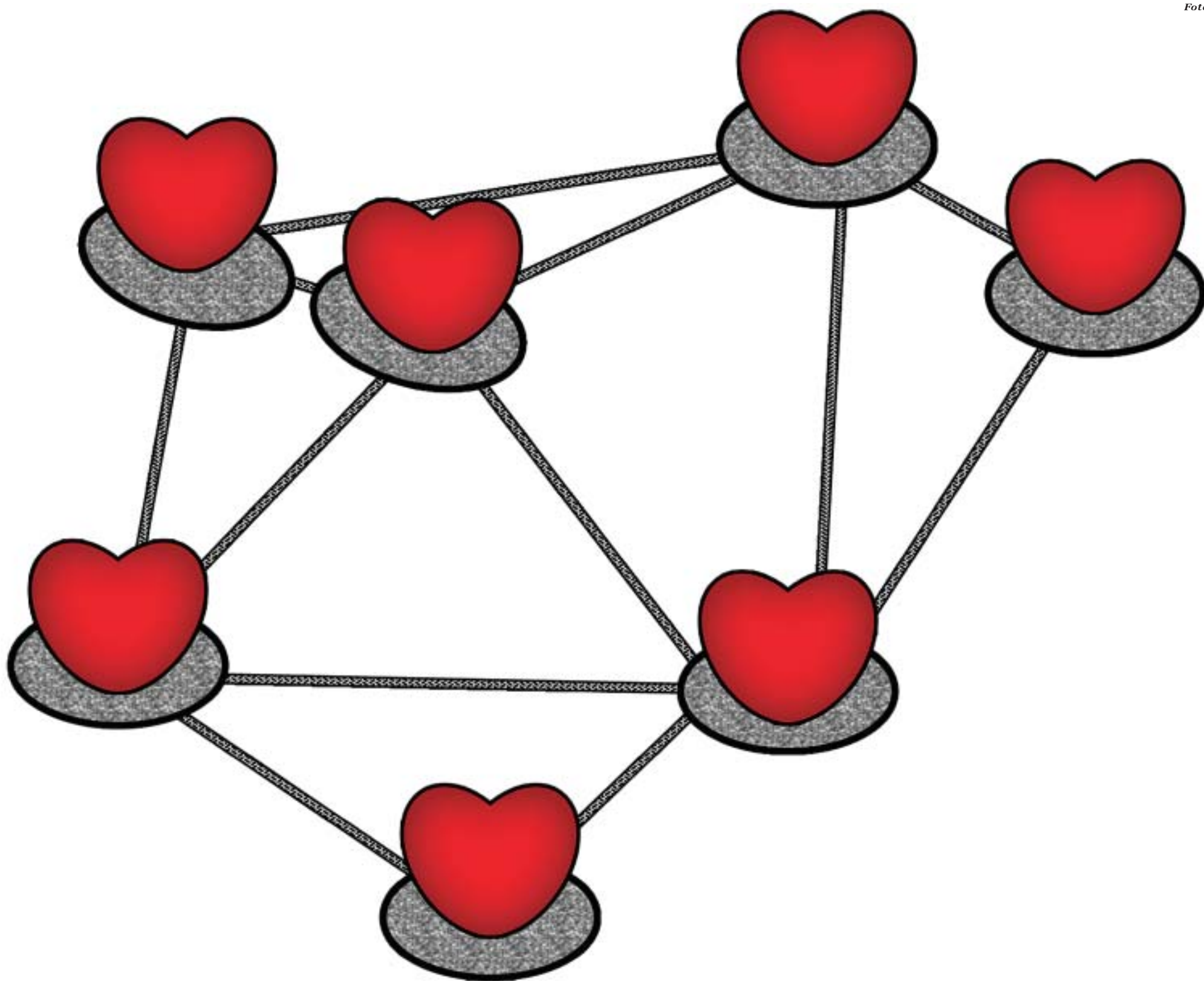
Barreiras - Arquiteto Rafael Costa afirma que a burocracia dificulta o trabalho

Foto: Helton Verão

Reprodução: Projeto Rafael Costa

Foto: Helton Verão





## Modernidade

As novas tecnologias, como internet e a telefonia celular, possibilitaram mais interação nos namoros a distância

# Corações separados por Km

Cláudia Basso

“Namorinho de portão”, assim dizia minha avó sobre seu namoro na adolescência. Com os cabelos branquinhos feitos algodão, revelava no olhar as lembranças daquela época onde tudo era mais resguardado. O portão limitava o mais próximo que podia chegar de seu amado antes do casamento.

Bons tempos aqueles, que deixavam nos relacionamentos sempre coisas a se descobrir. Do primeiro beijo até os próximos contatos existia a magia da eterna conquista e a espera incessante, aquela contagem regressiva até o dia do reencontro, cenas que parecem retratar um assunto bem conhecido dos jovens de hoje, o namoro à distância.

Os debates sobre relacionamentos já receberam inúmeras variantes, o assunto que rende grandes discussões nas rodas de amigos vai se modificando conforme o passar dos anos, das gerações, até mesmo das tradições e a moda parece que chegou forte dessa vez. Muitas são as pessoas que já tiveram experiências parecidas ou têm amigos que passam contando os dias da semana para rever a pessoa amada residente a quilômetros de distância.

A realidade é que os adolescentes saem cada vez mais cedo de casa para estudar, deixando na cidade natal familiares, amigos e até mesmo o namorado, ou namorada. O curioso é que esse afastamento não significa, para muitos casais, o fim de um relacionamento duradouro é apenas o começo de uma nova fase, um teste de resistência, que mede o tamanho do amor que cada um sente, o companheirismo e, claro, a paciência.

Bianca Chekerdemian, jovem estudante de apenas 21 anos, vive uma situação bem semelhante desde fevereiro.

Bianca e Thiago se conheceram em abril do ano passado, na academia, ela era aluna e ele seu instrutor. Depois de muitas trocas de olhares saíram pela primeira vez em julho e desde então estão juntos. “Enquanto ainda não estávamos namorando ele fez uma coisa bem legal, foi assistir minha apresentação de monografia, coisa que algumas de minhas amigas nem fizeram”, conta Bianca toda orgulhosa e feliz pelo ato carinhoso de Thiago.

Os dois moravam em Campo Grande, mas há quase quatro meses a jovem Bianca teve que se mudar para Ribeirão Preto, cidade do interior de São Paulo, onde foi fazer pós graduação em Fisioterapia. “O pior problema é a saudade, mas a gente se dá super bem”, afirma a moça de estatura baixa e cabelos escuros.

Outro casal que mantém a dura tarefa de se relacionar à distância é Marcela de Oliveira e Diogo Koling. Eles se conhecem há cinco anos, ambos eram moradores da pequena cidade de São Gabriel do Oeste, localizada a 137 quilômetros da capital sul-mato-grossense. A história romântica teve início a pouco mais de um ano. “Tínhamos amigos em comum, isso fez com que nos aproximássemos mais”, conta Marcela, de 21 anos que fala como se estivesse revivendo o momento. A jovem está no terceiro ano de Educação Física e durante todo esse período reside em Campo Grande, seu namoro vem resistindo às penalidades da distância desde o dia em que começou.

De fato não é uma tarefa fácil conseguir manter um relacionamento marcado pelo afastamento, é preciso muito jogo de cintura e calma, mas com algumas dicas e uma dose extra de esforço sempre pode dar certo. “Um relacionamento sadio é marcado pela confiança e pelo respeito, principalmente da noção de até aonde vai o

seu limite e necessidades, bem como as do outro”, revela a psicóloga especialista em casais Regina Márcia de Queiros.

Todo casal tem sua particularidade, nenhum relacionamento é igual ao outro e em casos especiais, como os mostrados nessa reportagem, é preciso estar sempre inovando para que o sentimento não enfraqueça ao longo do tempo. “Se encontrar sempre que puder, fazer pequenas surpresas como enviar flores, enviar mensagens românticas, enfim, usar a criatividade para estar sempre surpreendendo e avivando a chama do amor”, são algumas dicas da psicóloga.

Com a tecnologia invadindo nossas casas são incontáveis as possibilida-

des de amenizar a saudade, pode ser através do Orkut ou MSN, mensagens de celular. “A gente telefona muito, acaba ficando caro, mas agora ele tem internet, o que facilitou muito nossa vida e todo final de semana que for possível eu vou para São Gabriel ver o Diogo”, revela Marcela. Bianca que se encontra com Thiago apenas em feriados e alguns finais de semana também utiliza da tecnologia para matar a saudade. “Nos falamos muito por mensagens de celular, ou através do computador”, conta Bianca.

Há também pontos bem positivos de se relacionar com pessoas de outras cidades, nem tudo tem que necessariamente ser sofrimento. “Às vezes a gente precisa ficar um pouco sozinha, isso é bom,

tenho mais tempo para estudar”, conta a morena, Marcela de Oliveira. Para seu namorado, Diogo Koling a distância faz com que as pessoas dêem mais valor a pessoa amada e Bianca Chekerdemian concordando com esse pensamento ressalta: “a gente descobre o quanto aquela pessoa é importante, e para não chateá-la deixamos de fazer as coisas que o outro não gosta”.

E se tem algo em que a unanimidade de pensamento nos faz refletir é o que todos responderam sem muito pensar, “quando a gente ama vale a pena passar por tudo” e Bianca deixou ainda seu último recado: “não tem nada mais gostoso que dar um beijo e um abraço na pessoa que você ama depois de um mês longe”.

Assim, quando nossos personagens se reencontrarem, semana que vem, ou talvez apenas no próximo mês haverá mais que um simples “namorinho de portão”, aquele bem conhecido de minha avó, serão muitos abraços e beijos para matar toda aquela saudade guardada. E posso garantir, com a voz de alguém também experiente no assunto, pois há dois anos namoro a pessoa mais especial que conheci e que vive a 137 quilômetros de mim, que o tempo juntos pode até ser pequeno, mas os momentos desses reencontros serão sempre eternos.



Saudade - O casal Bianca e Thiago não fica junto assim todos os dias, ele mora em Campo Grande e ela em Ribeirão Preto



Serviço trata vítima ainda no local do chamado

# Samu: socorro imediato na ambulância

**Kleber Gutierrez**

Talvez por assistir TV demais ou buscar novos desafios decidi acordar mais cedo durante três domingos e no último feriado (11) para acompanhar o trabalho dos profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). Para minha surpresa o serviço é relativamente novo, pois passa a operar em caráter oficial a partir de 18 de abril de 2005, tendo o modelo francês de atendimento pré-hospitalar como base.

“Neste modelo o tratamento do paciente tem início no local da ocorrência, onde após a estabilização realiza-se o transporte do mesmo para um centro de referência”, explica o médico Nelson Dip Júnior. “Dessa forma se garante a chegada do paciente [até o hospital]. Já no modelo americano ele é transportado diretamente para o serviço de saúde mais próximo para, então, ser realizado o tratamento.”

É por conta disso que as ambulâncias ficam paradas por algum tempo antes de se deslocarem para o hospital, o que ainda não é muito compreendido pela população. “Certa vez atendemos um jovem próximo a um bar no Jardim Centenário e, ao estabilizarmos, tivemos que fechar as portas da viatura para realizar os procedimentos. Os colegas do rapaz chegaram a bater nas laterais da viatura gritando: Anda logo Samu!”, conta a enfermeira Keith Ferreira. Já em uma situação semelhante o enfermeiro Hugo Lorentz decidiu abrir a porta da viatura e convidar o familiar para ajudar nos procedimentos, o que aplacou

os ânimos no local.

O primeiro caso que acompanhei foi marcado por uma frase: “Jesus me leva”. Essas eram as palavras que Walter, de 69 anos, sussurrava com dificuldade ao entrar na Unidade de Suporte Avançado (USA) que o transportaria do Centro Regional de Saúde (CRS) da Coopha-vila II até o Hospital Rosa Pedrossian. Com seqüelas de um acidente vascular cerebral (AVC) no lado direito, problemas cardíacos e sem deixar o vício do cigarro, a dificuldade em falar e respirar de Walter estava associada a um broncoespasmo. Ou seja, uma contração da musculatura dos brônquios, que são os tubos responsáveis por levar o ar aos pulmões.

Por mês são recebidas 35 mil ligações, sendo realizados de 7 a 8 mil atendimentos. A estrutura operacional do Samu conta com cerca de 170 profissionais entre técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos que se revezam em turnos nas nove unidades de suporte básico à vida (USB) e nas três unidades de suporte avançado (USA). O que diferencia uma unidade da outra é a equipe que atua dentro delas e o tipo de ocorrência atendida. No suporte básico estão presentes o condutor socorrista e um técnico de enfermagem, tendo por base os CRS 24 horas. Já nas avançadas, que trabalham com casos de alta complexidade, estão presentes o condutor, um enfermeiro e um médico, com uma base separada das demais.

Era tarde do dia 7 e conversava com Keith ao lado das viaturas do suporte avançado quando uma unidade foi acionada para atender uma parada cardiorrespiratória no Bairro Universitária. Chegando ao local encontramos Dora, de 74 anos, caída no chão frio da varanda de sua casa. Para atender a ocorrência foi solicitada uma Unidade de Suporte Básico (USB), o que somou mais dois profissionais aos três que já se encontravam no local. O espaço limitado da varanda tornava o trabalho de reanimação um pouco mais complicado, porém como em uma corrida de revezamento os profissionais envolvidos se alternavam de forma

sincronizada. Filho e neto, lado a lado, observam o árduo trabalho de trazer Dora novamente à vida, já que não há pulso nem respiração. O medo de estar perdendo alguém tão querido fica evidente no rosto de ambos. Enquanto carrega outra seringa com a medicação, Keith pergunta se a família entende o que está acontecendo. A resposta negativa leva a enfermeira a explicar o quadro encontrado pela equipe do Samu e o procedimento que está sendo realizado. Após 21 minutos de uma tentativa alucinante é declarada a morte de Dora. O silêncio marcou parte do trajeto de volta para a base.

Situações arriscadas também são rotina na vida destes profissionais, principalmente em casos onde hajam baleados ou esfaqueados. “Na maioria das vezes chegamos ao local antes mesmo da polícia”, conta o técnico em enfermagem Ademir Bordignon.

No CRS do Tiradentes vivenciei algo que nos faz questionar a segurança oferecida aos profissionais do Samu. Richard, de 25 anos, tomou vários medicamentos e foi encontrado desmaiado em sua cela do Presídio de Segurança Máxima de Campo Grande. Com a escolta de apenas um policial ele foi encaminhado para o Hospital Rosa Pedrossian. Ninguém, nem o policial, sabiam o motivo da prisão do paciente, apenas que este apresentava distúrbios psiquiátricos.

O caso que fecha esta experiência aconteceu em um prédio próximo ao centro. Chegando ao local um vizinho apontou o caminho até o apartamento que ficava no primeiro andar. Everaldo, de 70 anos, grunhia e quase não conseguia respirar. Hipertenso, cardiopata e dependente de insulina ele se debatia sobre a cama, sendo atendido pela equipe do Samu sob o olhar de sua esposa e filho. O caso foi diagnosticado no local como um acidente vascular cerebral hemorrágico (AVCH) de pequena extensão, já que o paciente recobrou a consciência e respondeu aos estímulos. Para levá-lo até a viatura foi necessária a utilização da prancha de resgate, onde o paciente foi “preso” com tirantes e desceu pelas escadas, sendo encaminhado para a Santa Casa.

Não posso negar que foi uma experiência marcante onde, em alguns momentos, troquei a oportunidade de registrar melhor uma ocorrência para dar uma “mãozinha” em algum procedimento como segurar o soro ou “amarrar” o paciente na prancha para levá-lo até a ambulância. Agora quando vejo uma viatura do Samu tenho a certeza de que não são só vidas e histórias sendo transportadas, mas a esperança de alguma família nas mãos de profissionais preocupados em fazer o seu melhor pelo bem do próximo.



Cuidado - Doente recebe tratamento em hospital após socorro

Pessoal - Na Capital 170 profissionais de Medicina e Enfermagem fazem plantão em 13 unidades





Foto: Tatiana Gimenes



Foto: Tatiana Gimenes

**Concepção** - A professora Lucilene Machado (dir.) ensina seus alunos a escrever, mas destaca o dom nato, já o escritor José N. Proença diz escrever seus livros no ‘jeitão’ próprio, diferente dos imortais

## Literatura

*O fazer literário pode ser aprendido, mas especialistas acreditam que alguns autores têm inspiração divina*

# Palavras que alimentam a alma

**Tatiana Gimenes**

A importância da leitura e da escrita é tema relevante para a construção do conhecimento de uma sociedade. Dentro deste contexto surgem assuntos relacionados à inspiração, ao dom, sobre a arte de escrever. Muitos são os especialistas no assunto, e cada um com seu jeito de escrever, de interpretar, de passar pelas palavras.

A professora de literatura, Lucilene Machado, defende a ideia de que a palavra alimenta a alma, as emoções, as sensações, a imaginação, e diz ser movida a isso. Aos 44 anos, também escreve crônicas, e ressalta que precisa desse combustível, que é a palavra, para viver.

Para a professora, que leciona em curso universitário, é evidente que a educação de um país passa pela literatura, porém a precariedade das nossas políticas educacionais não dão conta dessas questões. “O que se vê, são discussões, técnicas, projetos, embasados no imediatismo para qualificar o professor que, na maioria das vezes, é o ‘único’ culpado no processo de formação do leitor. O professor sente-se fragilizado ao não encontrar respostas adequadas e não conseguir estabelecer uma harmonia entre leitor e texto. Daí que muitas vezes essas propostas transformam-se em grandes armadilhas”, destacou.

Ela fala que a importância da escrita e da leitura para a sociedade depende da relação que se faz com ela. “Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Como fonte de saber e sabedoria a leitura não se esgota nunca. Evoca a fantasia, o sonho, suspende temporariamente o real como forma de iluminar e esclarecer, posteriormente, o mesmo real. Quando não se escreve, corre-se o risco de perder as informações de um determinado tempo e contexto. Uma obra literária é um objeto social e para que ela exista é preciso de alguém que escreva e alguém que a leia. É um espaço de interação entre esses dois sujeitos”, completou.

Sobre a inspiração para escrever, ela diz ser algo muito subjetivo, pois crê que algumas pessoas estão mais vocacionadas para a escrita. Sentem prazer em escrever e por isso exercitam a prática literária.

### Dom

Lucilene revela que aprendeu em sua tenra infância, que a escrita era um dom, que os poetas eram pessoas abençoadas e coisas assim. Hoje, mesmo sendo professora de literatura,

tem dificuldades para se desprender dessa ideia.

Às vezes lê frases tão perfeitas que imagina que um homem, sem ajuda divina, não conseguiria elaborar, seja em qualquer tipo de arte. “Todo artista deve ter um toque divino. Imagina Mozart, Beethoven, Bach... Como um ser humano pode ser capaz de compor coisas tão belas, sozinho? Como Van Gogh foi capaz de pintar coisas tão extraordinárias? Tudo isso leva a uma reflexão, ao mesmo tempo sabemos que qualquer pessoa pode desenvolver a escrita, pode elaborar boas ideias, organizar lindamente as palavras desde que disponha de determinação e persistência”, finalizou.

### Estilo

Para José Nunes Proença, escritor de 60 anos que nasceu em Miranda (MS), mas atualmente mora em Brasília (DF), a inspiração é uma coisa que já nasce com a pessoa, ou ela tem esse dom ou não tem, “mas o que talvez conta mais do que a inspiração é a vontade de você expressar através de uma arte”, completou.

Escolheu também a literatura como influência de seus escritos, e acredita que cada um tem um jeito de escrever. “Os grandes escritores têm um estilo, nós, os mortais, temos um jeito de escrever, que é o que eu procuro fazer nos meus livros. Eu gosto mesmo é de maquiagem, eu e o computador, viajando nos personagens nas histórias, isso aí é que eu gosto”, explicou. Proença já participou de vários concursos literários, mas expõe que muitos talentos acabam não aflorando por medo de passarem a barreira de publicar o diferente, de publicar o novo.

O escritor diz ainda que, na realidade do Brasil, literatura é quase que um artigo de luxo. Ele diz que a maioria das pessoas vê a literatura como uma coisa que não serve pra nada, e defende que falta uma motivação até mesmo dentro das escolas, para começar desde pequeno. “Hoje aqui no Brasil, a maior fatia do mercado são os livros escolares, que as pessoas são obrigadas a comprar, depois os livros religiosos, de auto-ajuda, livros técnicos, literatura estrangeira. Quando chega na literatura brasileira é um risquinho de nada. Isso tem tudo a ver com a situação sócio-econômica do país, não é diferente de outros países que tem a mesma situação. Mas eu imagino que isso vai mudar e vai mudar com as novas gerações, porque a nossa já está quase que perdida, a nossa não, a minha, a minha”.

### Prática

Professora dos ensinamentos básico e superior, Maria Fernanda Borges, 49 anos, defende que a literatura é como uma porta de entrada para as mais diversas possibilidades de interpretação e conhecimento de mundo, algo que nos provoca reação e nos faz vivos.

Ela diz que a sociedade atual caracteriza-se pela busca da

informação, do conhecimento e que a educação dos indivíduos precisa enfatizar a leitura como via de inclusão social e de melhoria para a sua formação. “A leitura resgata a cidadania, devolve a auto-estima ao promover a integração social, desenvolve um olhar crítico e possibilita formar uma sociedade consciente”, declarou.

Maria Fernanda tem em Clarice Lispector sua escritora favorita e revela que ela escreveu verso interessante sobre a inspiração. “Ela relatou que a inspiração surge de um momento magnífico, especial, que não tem hora, nem lugar, nem espaço previamente determinado, que simplesmente surge, de dentro para fora, e não o contrário, e que vem do cons-

ciente cósmico”. Conforme a professora, se refletirmos sobre esta declaração ou esta prática, podemos dizer que escrever é dom, porém se analisarmos mais amplamente podemos teorizar que escrever é magia e técnica ao mesmo tempo.

## NOVA ORTOGRAFIA

# O luto pelo trema passou, mas o difícil para a população é todo resto

**Daniel Henrique**

“O trema, aqueles dois pinguinhos que comumente colocávamos sobre o ‘gui’ da linguagem, morreu”. Foi assim que o professor Pasquale Cipro Neto, abriu o programa Nossa Língua da TV Cultura, sobre o acordo ortográfico da língua portuguesa. E é exatamente isso que se encontra nas salas de aulas de escolas e cursos preparatórios para vestibulares e concursos há quatro meses de vigência do acordo.

Basta dar um giro nas escolas para perceber a apreensão de alunos e professores. Marcela Acosta e Josué da Cruz Júnior, ambos com 12 anos, que estudam na mesma sala de aula do sétimo ano do ensino fundamental, confessam que a parte fácil é a “morte do trema”. O difícil é entender o resto.

- (Marcela) “Acho que a mudança dos acentos é o que ficou ruim”.

- (Josué) “Tudo ficou complicado, pois teremos que reaprender”.

E o receio dos dois jovens não é à toa. Afinal, o material didático utilizado em sala de aula ainda não mudou. “Os livros que usamos são atualizados a cada dois anos. Ano que vem deve mudar”, afirma a professora Sônia Lira Simões, que dá aula há 16 anos. Para Sônia, o hábito de quem aprendeu tudo até agora é o que torna as alterações na ortografia menos assimiláveis. “Escrever ideia sem acento é estranho”, diz a professora.

nho”, diz a professora que confessa que esse é um dos pontos mais complicados do acordo: a acentuação.

“A língua portuguesa não é moleza”, como diz o cantor e compositor Gabriel o Pensador, na canção Rap do Soletrando. O professor Ascânio Bottini, que leciona para jovens e adultos, não defende o acordo. “Como professor e como cidadão, vejo esse acordo da mesma forma: totalmente desnecessário”. Os escritores portugueses e as gráficas, inclusive, já se posicionaram definitivamente contra as novas regras. Segundo Bottini, haverá por aquelas bandas uma espécie de desobediência civil à nova normatização.

Por aqui não deve ser diferente. O conselho da professora Sônia Lira é nesse sentido. “É preciso estudar as duas formas. Não descartar a antiga e nem a nova”.

E o impacto das novas normas, não é só para professores de língua portuguesa, alunos dessa disciplina e profissionais que necessitam de escrita por total correta. Em Campo Grande, no mês de abril, a direção, orientação e professores (de português, inglês e até de educação física) da Escola Municipal Elpidio Reis, participaram de uma oficina para começar a entender as novas regras da língua, segundo a diretora-adjunta Kélita Faria.

Momentos como esse ajudam a entender muitas coisas, de acordo com a professora Maria Alice D’Aviz Andrade, de 29 anos. “Alem de elucidar um pouco sobre o acordo ortográfico, são momentos para derrubar lendas, por exemplo, do uso da crase. Quando e como se usar”.

Para o professor Ascânio, a questão mais complicada, como sempre, é a do uso do hífen. “O melhor seria não ter mexido, mas já que o fizeram,

perderam uma excelente oportunidade de simplificá-lo. Não, nada simples: continuamos obrigados a decorar dezenas de prefixos e as iniciais das palavras subsequentes (agora sem trema!)”, afirma, descontente, o professor.

A dificuldade maior será para os já estudados, que terão que jogar no lixo o que demoraram anos para aprender. “Para ser sincero, não encontrarei até agora uma única pessoa que defendesse esse acordo. Nem entre alunos, nem entre professores, nem entre amigos. Acredito que se fizéssem um plebiscito, teríamos mais de 90% contrários a essa verdadeira aberração concebida pelos velhinhos do chá da ABL, tão distantes da realidade e das necessidades do país”, pontua Bottini.

A professora Maria Alice, acredita que essas mudanças cumprem um padrão utópico de integração. “É uma inovação mais política e econômica do que questão de língua”.

Durante a entrevista com o professor Bottini, uma das questões foi se seria possível comparar o acordo ortográfico com alguma reforma política. A resposta estava na ponta da língua.

“Sim, é possível compará-la com vários projetos absurdos. Uma comparação curta e grossa: os vereadores resolvem trocar o nome de uma rua (e eles adoram fazer isso). O cidadão pergunta:

- Essa é a Rua X?

- Não, agora ela é a Rua Y. Continua esburacada, sem iluminação, mas com novo nome. E em alguns mapas, para complicar mais a já complicada vida do nosso povo, continua sendo identificada como Rua X”.

Entre a população, a incerteza e o receio. Para estudantes, a vontade de aprender logo. Já alunos de cursos preparatórios

para concursos, o medo. Tanto medo, que durante a produção desta reportagem, ninguém quis nem participar nem de uma foto com legenda. A insegurança é o que domina todos eles.

Enfim, uma reportagem como essa não podia terminar sem uma dica de um profissional com excelência na área. “A dica que tenho é ensinarmos esse patético acordo, mas chamando os alunos à consciência da completa inutilidade dele e convocando-os a se manifestarem contra”, conclui Bottini.

### Mudanças

No dia 29 de setembro do ano passado, o presidente Luís Inácio Lula da Silva tornou oficial a introdução do acordo ortográfico da língua portuguesa no Brasil. Cumprindo a resolução, as novas normas entraram em vigor em 1º de Janeiro de 2009.

O Brasil começa a viver a mudança ortográfica que, além do trema, acaba com os acentos de voo, leem, heroico e muitos outros. A nova ortografia também altera as regras do hífen e incorpora ao alfabeto as letras k, w e y.

E é pela sala de aula que a mudança deve mesmo começar. Depois toda a sociedade deve se adequar. Levará um tempo para que as pessoas se acostumem com a nova grafia.



Viagem a um organizado mundo

# Prazer : meu nome é Abelha!

**Evellyn Abelha**

Nome e sobrenome: não temos escolha, salvo raras exceções. Como não sou exceção, muito prazer meu nome é Evellyn Abelha. Isso mesmo, apesar do sobrenome peculiar e anedotas consequentes, tenho gosto em integrar essa família, mas nem tanto pelo inseto propriamente dito que me identifica. Ouço sempre: “Elas não fazem nada. Como pode uma abelha ter medo de abelha?”, pois bem, também quero saber. Deixei de fazer cera - piadinha comum quando falo meu nome completo - e ver se realmente elas não fazem nada.

Resolvido o tema da matéria veio, de cara, a lembrança. No salão de beleza, a figura simpática do cabeleireiro, em meio ao zum zum da conversa, comentou: “Acho um barato o apelido do seu pai (Abelha), porque abelha?”. Respon-di sorrindo: “É sobrenome”. Zezé - o cabe-

leireiro - ficou surpreso, achou um barato e se revelou um apaixonado por abelhas. Aí a surpresa foi toda minha. Assim procurei-o para saber mais sobre sua paixão, que começou ainda na infância. Os olhos de José Lima Souza Porto (Zezé) brilham, fala com empolgação visível. “Tenho amor platônico pelas abelhas, são tantos benefícios que elas trazem para o ser humano”.

Ação antibacteriana, regulação hormonal, auxiliar nos tratamentos de anemia, problemas respiratórios, hipertensão, colesterol e tantos outros, os derivados da colméia: mel, própolis, cera, pólen e geléia real são verdadeiros remédios naturais. Zezé conhece vários deles, inclusive ajudou a esposa que sofre com bronquite a amenizar os efeitos da doença com preparados de mel e própolis. Não é médico, nem especialista, mas humilde o cabeleireiro afirma sempre se interar no assunto, sugando a essencial, o melhor, assim como o trabalho da abelha de flor em flor.

Já Gustavo Nadeu Bijos, voa mais alto. Há sete anos é apicultor, tamanho apreço por abelhas o levaram a coordenação da Câmara Setorial Consultiva de Apicultura de Mato Grosso do Sul e a seguinte frase quando me identifiquei para a entrevista: “Seria para



**Especiais** - As abelhas desta e outras colméias além de produzir o gostoso, saudável e rentável mel, dão nome a pessoas, como nossa repórter

mim uma honra ter esse nome”. Descobriu a atividade ainda na faculdade de Medicina Veterinária e não parou. Aos 34 anos é educador de novos apicultores.

“Devo muito ao Gustavo, ele entende de abelha, me ajudou bastante”, conta o bem-humorado Marcos Roberto Welter, que tem na apicultura o sustento da família. Começou com dez caixas de abelha, hoje tem 180 enxames e uma loja onde comercializa o que produz. Antes da loja, vendia os produtos de porta em porta com uma “motinha” e sofria com a falta de incentivo ao produtor. Dificuldades vencidas, se profissionalizou, inclusive já foi convidado para ser banca examinadora de trabalhos acadêmicos sobre apicultura. “Foi uma experiência muito bacana, eu aprovei o pessoal lá”, orgulha-se Marcos.

Para tal resultado, o candidato a apicultor deve possuir uma organização semelhante ao inseto que se pretende criar, principalmente na hierarquia. Gustavo explica que primeiramente é necessário participar de um curso

prático e visitar apicultores mais profissionais. Depois, implantar um apiário com cinco colméias e trabalhar com elas durante um ano para adquirir experiência. O investimento para implantar as cinco colméias, mais os equipamentos do apicultor, gira na faixa de 3,5 mil reais. Sem incluir os gastos com veículos, arrendamento, equipamentos para extração e casa do mel, que deve ser de uma associação ou cooperativa, que reduzem os custos de produção. Deve-se também verificar se o interessado não é alérgico às ferroadas. “No começo eu queria desistir, tomava muita ferroada”. Marcos Roberto fala que mesmo com a roupa de proteção ferroadas são inevitáveis. Zezé também passou maus bocados atrás de mel. “Eu tinha que ser inimigo das abelhas”. E não tem como, dependemos desses insetos mais que se imagina.

A verdade é que as abelhas são responsáveis por 85% de toda a polinização realizada nos vegetais, nada mais é do que a reprodução das plantas, ou seja, se não

houver mais abelhas a tendência é que haja menos produção de alimentos no mundo. O famoso cientista Albert Einstein já dizia: “Onde a abelha não sobreviver, o homem também não sobreviverá”, frase conhecida dos apicultores e apaixonados por abelhas. Foi unânime entre os entrevistados a citação.

“Abelha também produz carne e leite”, brincadeira criada entre apicultores, pois elas são responsáveis pelo aumento da produção de plantas que fornecem alimento para o gado, e também na produção de soja, girassol, melancia, laranja, café, e muitas outras culturas. Ecologicamente correta a apicultura é umas das únicas atividades pecuárias que não causa prejuízos ao meio-ambiente.

Com os doces benefícios da atividade, José Maria Pereira Gonçalves, não resistiu ao convite de um grande amigo e resolveu montar um apiário. O contato com a natureza o fez se especializar e buscar cada vez mais colaborar com a criação de abelhas. Transmindo tranquilidade também, juntamente com sua

esposa, se surpreendeu com meu sobrenome. Surpreende-se ainda mais com a vida das abelhas. “Elas são altamente higiênicas, a colméia está sempre limpa. A arquitetura do hexágono onde mora é perfeita faz inveja a muito arquiteto e engenheiro. Seguem a risca a hierarquia e trabalham sempre juntas, em pró uma das outras”. E vai além. “Se nosso país seguisse pelo menos a metade do estilo de vida das abelhas, o Brasil seria perfeito”. À frente da Associação Sulmatogrossense de Apicultura – ASA, Zé Maria, ajuda a fortalecer o segmento no Estado, que atualmente conta com um enxame de 1,3 mil apicultores, 28 mil colméias, 20 associações de apicultores espalhadas por MS e uma produção de 650 toneladas de mel por ano.

Tão pequenas, mas de grande importância. Sensíveis a vibrações percebem o medo, por isso sou um charmariz natural e não por achar que sou doce. Muita pretensão! Rever conceitos é sempre bom, ter esse sobrenome fica ainda melhor agora.

## Cãezinhos são o “ombro amigo” de apoio aos donos

**Wanessa Derzi**

Eles cativam com as suas carinhas de anjinho, seus olhinhos brilhantes, parecem mesmo crianças a vida toda. Sempre estão dispostos a brincar e fazem a maior farra quando o dono chega, confortam com suas lambidas, e é com uma migalha de pão na mão que você se torna para eles a pessoa mais importante do seu mundo canino.

Os cachorros são motivo de alegria para muitas famílias. Alguns entram no seu caminho por acaso, por insistência por parte dos filhos, mas quando aquelas bolinhas de pelo entram na vida de alguém é difícil de voltar atrás.

Na vida da empresária Maria Beatriz Junqueira de Azevedo, eles sempre estiveram presentes, quando morou em Búzios, no Rio de Janeiro ela pegava cachorros de rua, muitas vezes doentes, magros, e cuidava deles com toda atenção e amor. Chegou a ter em casa oito cachorros. Mas nem todos ficavam, alguns iam embora.

Uma amiga vinda de Portugal também apaixonada por cães, pediu para que ela ficasse com os seus doze cães, Ma-



**Amigos** - Depois que os filhos cresceram os cães são a melhor companhia da empresária Maria Beatriz

ria Beatriz que já tinha oito decidiu pegar apenas um, que está até hoje com ela.

Com o passar do tempo Maria Beatriz precisou se mudar para Campo Grande, onde hoje vive em um apartamento com seus dois cães Golden Repriser. O Boris, que veio de Portugal o qual ganhou de sua amiga, é um cão adestrado para ser cão guia, nadar, além de tudo possui chip. E o filho do Boris, que se chama Borinho.

Maria Beatriz possui muitas histórias com seus companheiros como ela costuma falar. “São meus companheiros muito mais do que meus filhos”, expõe Maria Beatriz. Ela explica que seus dois filhos já estão adultos, e ela separada, então deposita um grande carinho pelos bichinhos.

Para a psicóloga Milena Fayad, um cachorro querendo ou não é uma grande companhia mas é preciso saber

reconhecer as diferenças entre bichos e seres humanos. “Tudo tem que ter um limite porque cão é cão e gente é gente.”

Ao caminhar pelas ruas, é fácil reparar o quanto o número de cachorros pelas casas é grande. Para a professora Margarete Malheiros a explicação é simples. “O cachorro consegue trazer muitos benefícios para uma casa, entre eles acredito que ajudam a formar harmonia”.

Margarete cuida da cadelinha Lili há cinco anos e agora está às voltas com a primeira cria do bichinho de estimação. A decisão de criar um cão partiu dos filhos, mas principalmente após uma consulta com um psicólogo. “Meu filho é muito ansioso e fechado, não gosta de falar muito, então a sugestão de comprar um cachorro ajudou muito”.

No início Margarete se via com as bagunças causadas pelo cachorro, chegou a pensar inúmeras vezes em desistir, mas quem disse que seria fácil. “Na verdade eu nunca gostei muito de cães, foi mais um empurrãozinho dos filhos, mas não tem jeito eles cativam a gente, e agora a Lili tem dois filhotes, olha se eles não são lindos, esses pequeninhos”, fala Margarete de forma carinhosa se referindo aos novos filhotes.

Essas duas mulheres possuem histórias diferentes com os cachorros, uma vive uma rotina muito mais intensa que a outra mais de modo que fazem muita diferença nos dias delas. Como disse Margarete: “Só quem tem um cão sabe do que eu estou dizendo”.

“Eles dão trabalho, agora então tenho que cuidar da hora do remédio da Lili umas quatro vezes ao dia, é como criança mesmo”, conta Margarete sobre o cotidiano dos seus últimos dias após o nascimento dos filhotes que no dia da entrevista completavam 8 dias.

Assim como Margarethe a

rotina de Maria Beatriz gira em torno de seus dois filhotes, ela se vê aflita sem a presença deles, portanto quando recebe um convite a pessoa já deve saber que está estendendo aos seus dois “filhos”, em restaurantes, viagens de avião ou ônibus eles estão lá acompanhando ela. “Eu compro passagem para eles também, claro, porque daí não incomoda ninguém, eles vão do meu lado quietinhos, sem nenhum trabalho, as pessoas até se espantam quando chega ao destino e nota que viajou com um cachorro”, relembra Maria B. entre risadas.

A importância que esses cães assumem na vida de Maria Beatriz é notável, e ela se irrita ao contar, “Eles me tiraram da tristeza me obrigam a fazer caminhada, levo uma vida mais saudável por conta deles, porque tenho que sair duas vezes ao dia para passear”, explica seu dia-a-dia.

Um cão pode fazer uma grande diferença na vida de quem gosta deles, é uma diversão a mais, a sensação de chegar em casa e ver a felicidade que eles ficam é gratificante, porém como disse a psicóloga Milena Fayad, nada em excesso faz bem, e por toda essa história de amor pelos cães pode estar escondido a carência em algo, sentimento de abandono, solidão. “Os cães não têm opinião própria são submissos ao dono, portanto são muito mais fáceis de se relacionar do que um humano”, conclui a psicóloga Milena Fayad.